



11º Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Campo Grande, MS 29/out a 02/nov 2012

ESPAÇOS LIVRES, PAISAGEM E CIDADE

SANDEVILLE JR., EULER (1); IMAMURA, Fabiana Tiemi (2); GODOY, Belisa de Quadros Corrêa (3); CARUNCHIO, Cláudia Ferrara (4); RODRIGUES SILVA, Bárbara Campelo (5); ONODA, Marina Ayumi (6); NISSI, Larissa Yumi Ito (7); LEMOS, Paula Cerqueira (8); THINA, Renata (9); SUJUKI, Taís Sayuri (10).

(1) Professor Livre Docente da Universidade São Paulo / Curso de Arquitetura e Urbanismo, Brasil, coordenador do Núcleo Póéticas e Conflitos na Cidade do Lab Cidade (FAU USP), <http://espiral.net.br>

(2) Estudante do segundo ano da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, fabianatimamura@gmail.com

(3) Estudante do segundo ano da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, belisa.godoy@gmail.com

(4) Estudante do segundo ano da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, claudia.carunchio@gmail.com

(5) Estudante do segundo ano da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, barbara.campelo.silva@gmail.com

(6) Estudante do segundo ano da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, marinaonoda@gmail.com

(7) Estudante do segundo ano da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, larissa.nissi@gmail.com

(8) Estudante do segundo ano da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, paula.lemosc@gmail.com

(9) Estudante do segundo ano da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, re.thina@hotmail.com

(10) Estudante do segundo ano da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, tais.sjk@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar o trabalho desenvolvido por duas equipes da disciplina de Planejamento da Paisagem da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP). Primeiramente, foram indicados os objetivos propostos pela disciplina e os métodos utilizados para alcançá-los para, em seguida, explicar os exercícios realizados pelos alunos. Antes do estudo inicial, foi feito um exercício em uma área fictícia para que os alunos pudessem se familiarizar com a metodologia da disciplina e sua linguagem. Depois desse primeiro contato com conceitos e métodos, as equipes iniciaram um estudo da região das bacias do Jaguaré e do Pirajussara Mirim, localizadas na região oeste do município de São Paulo, analisando sua paisagem em sua configuração e suas condições sociais, culturais e econômicas, podendo, enfim, propor soluções a seu sistema de espaços livres. Por fim, cada equipe estudou em uma escala do lugar a região das bacias. As áreas escolhidas foram o Morro do Querosene e a Comunidade do São Remo.

ABSTRACT

The main objective of this article is to present the study developed by two groups in the discipline of Landscape Planning from the Faculty of Architecture and Urbanism of the University of São Paulo (FAUUSP). Firstly, the objectives proposed by the discipline and the methods that were used to reach them were illustrated to, afterwards, explain the activities the students had to do. Before the first study, an exercise about a fictitious area was done so the students could be familiarized with the methodology of the discipline and its language. After this first contact with conceptions and methods, the groups began to study the region of the Jaguaré and Pirajussara Mirim basins, located in Sao Paulo city, analyzing its landscape setting and its social, cultural and economical aspects to, finally, propose solutions for its public space system. At last, each group studied in a bigger scale the region of the basins. The chosen areas were Morro do Querosene and the Community of São Remo.

PALAVRAS-CHAVE

Paisagismo; Ensino; Metodologia de Planejamento da Paisagem; Sistemas de Espaços Livres.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo principal apresentar o trabalho desenvolvido por duas equipes da disciplina de Planejamento da Paisagem da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), sob orientação do professor Euler Sandeville Jr. e teve como monitora de pós-graduação a pesquisadora Gabriella Radoll. As equipes eram formadas pelas alunas Bárbara Campelo Rodrigues Silva, Belisa de Quadros Corrêa Godoy, Cláudia Ferrara Carunchio, Fabiana Tiemi Imamura, Marina Ayumi Onoda (equipe 1), e pelas alunas Bianca Tiemi Nissi, Larissa Yumi Ito Nissi, Lawson Daiki Hamassaki, Paula Cerqueira Lemos, Renata Thina e Taís Sayuri Sujuki (equipe 2). A disciplina conta com cinco professores, e as equipes são distribuídas entre eles no início do curso, acompanhando assim todo o semestre letivo. Os demais professores da disciplina em 2012 foram Eugênio Queiroga, Fabio Mariz Gonçalves, Paulo Renato Mesquita Pellegrino e Silvio Soares Macedo. Foram monitores, vinculados a outros professores, a mestranda Flavia Tiemi Suguimoto, como monitora a aluna Marina Caraffa e como intercambista Ana Cristina Gaspar.

Desde de 2005, quando também foi criada a monitoria de graduação na FAU USP, a disciplina de Planejamento da Paisagem e de Planejamento Urbano trabalham integrando objeto de estudo e etapas, estabelecendo cooperação entre as duas abordagens. Foram professores de Planejamento

Urbano em 2012 Maria Cristina da Silva Leme, Marly Namur, Nabil Bonduki, Pedro Taddei e Raquel Rolnik. Como monitoras da disciplina estavam as mestrandas Joyce Reis e Rosane Santos.

O objetivo é desenvolver com alunos do terceiro semestre do curso da FAU conceitos e fundamentos metodológicos do planejamento paisagístico. A disciplina ocorre no período vespertino, às quintas e sextas-feiras. Espera-se que, a partir da introdução de métodos de planejamento da paisagem e do ambiente, e de uma visão crítica dos processos de produção do espaço urbano, o aluno seja capaz de compreender e planejar o espaço a partir de suas condicionantes e potencialidades paisagísticas e dinâmicas ambientais, integrado às ações afins do planejamento urbano.

Tal estudo tem foco na constituição de um possível sistema de espaços livres e na sua compreensão, do ponto de vista de sua funcionalidade, de suas dinâmicas ambientais, de suas implicações sociais e culturais. Dentro de uma estrutura geral, cada um dos cinco professores da disciplina imprime uma abordagem decorrente de suas prioridades diante do ensino e da cidade, definindo ênfases próprias dentro de uma mesma estrutura de trabalho a cada conjunto de equipes ao longo do semestre. Em nosso caso, privilegia-se uma abordagem sistêmica da paisagem aliada a uma forte abordagem crítica das estruturas ambientais, introduzindo a compreensão de sua dimensão social e histórica.

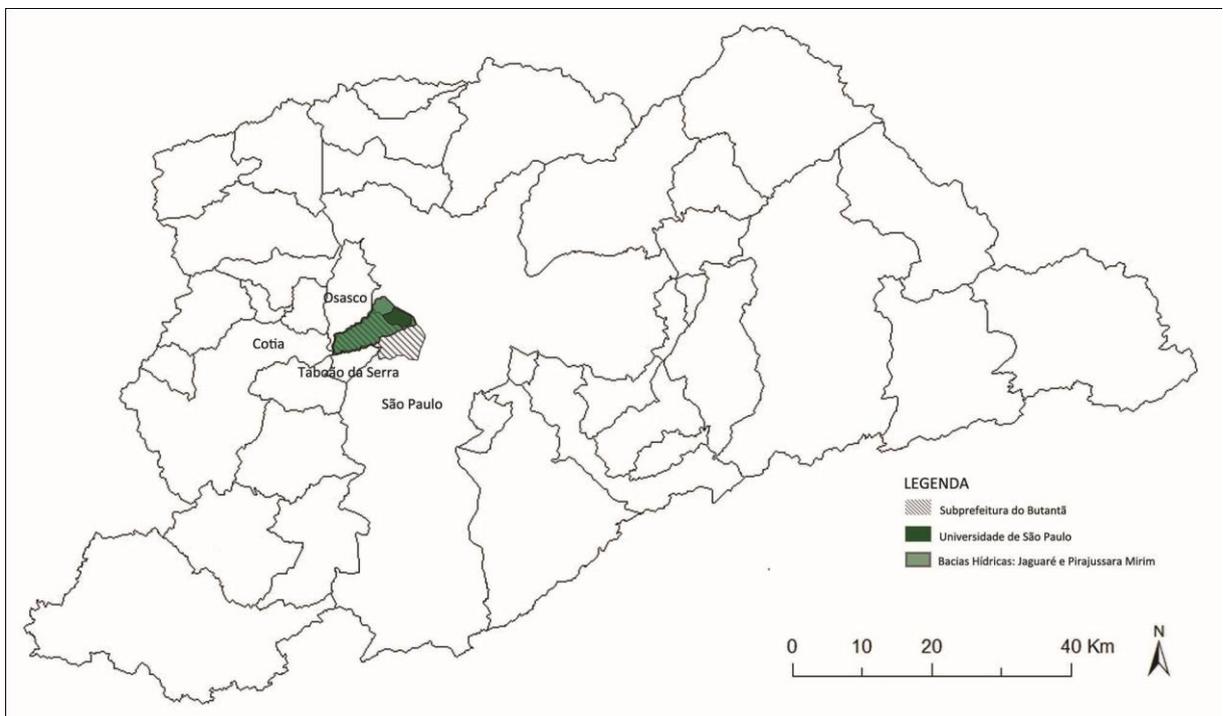
A análise da paisagem se deu em diferentes escalas, com constantes aproximações em um contínuo ir e vir entre as escalas de conjunto e de detalhe, a partir do método de elaboração de cartas temáticas e cartas sínteses, elaboração de matrizes de valor para tomada de decisão (MCHARG, 2000; ROSELY, 2004), trabalhos de campo. A cada aproximação escalar, novos focos de investigação vão se colocando, e se correlacionando com os da escala precedente, visando tanto perceber a especificidade de cada nível de análise quanto como interagem mutuamente e os conflitos decorrentes. Os conteúdos teóricos enfocam questões da estrutura urbana (VILLAÇA, 2001), da produção social do espaço (SANTOS, 1985), das formas de apropriação local (VOGEL e SANTOS, 1985; CALDEIRA 1984), e conceitos advindos da ecologia da paisagem (BERNÁLDEZ, 1981; SHIDA, 2000; METZGER, 2001). Por meio de aulas teóricas, atividades de estúdio, visitas a campo, os alunos foram capazes de identificar características, dinâmicas e problemas das áreas estudadas, possibilitando uma avaliação crítica a respeito das ações atuais e, a partir disso, criar propostas de intervenção que dialogam entre a representação no atelier e o contato direto, ainda que preliminar, com métodos de campo (LAPLANTINE 2007; DENZIN e LICOLN 2006; ANGILELI, 2012; RADOLL 2009; SANDEVILLE JR. 2004) e apontam para a possibilidade e necessidade de uma abordagem dialógica nos estudos de paisagem (FREIRE, 1996, 2010).

EXERCÍCIO 1

Foram propostos dois exercícios ao longo da disciplina, um inicial, em uma área fictícia, com duração de um mês, que serviu como introdução aos conceitos fundamentais. Desenvolvia-se em uma área hipotética, próxima a represas e, portanto, região de preservação ambiental, para a qual se previa um processo de expansão urbana. Dentro dessa estratégia foram definidas Unidades Territoriais de Paisagem (UTP's), levando-se em consideração características em comum, como por exemplo, potencial para expansão urbana, potencial paisagístico, presença de nascentes e/ou córregos, sistema de transportes, entre outros. Posteriormente, foram estabelecidas áreas com prioridade de preservação e áreas passíveis de urbanização. Por fim, foi alocado um número significativo de habitantes, considerando-se Áreas de Preservação Permanente (APP's), definidas nas UTP's.

EXERCÍCIO 2

Um segundo exercício, que ocupou o resto do semestre letivo, mais complexo, procura planejar um sistema de espaços livres. Compreende três etapas: diagnóstico da paisagem, proposição de um sistema de espaços livres, aprofundamento de um setor com aproximação na escala do lugar.



Identificação da área das bacias do Jaguaré e do Pirajussaram-Mirim no contexto da região metropolitana.

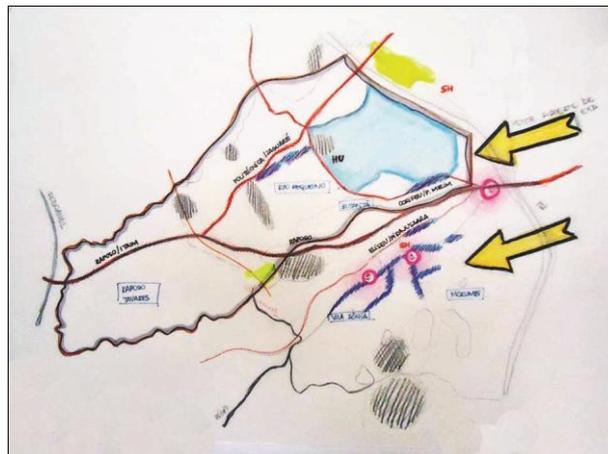
Este exercício adotou como área de estudo as bacias do Rio Jaguaré e do Pirajussara-Mirim, localizados na região oeste do município de São Paulo, na Subprefeitura do Butantã. O Pirajussara-Mirim é afluente do rio Pirajussara, que tem as suas nascentes fora do município, constituindo um importante e problemático vetor de expansão urbana. Os rios em questão são afluentes do Pinheiros, que no setor oeste demarca o centro expandido e a área mais bem equipada e dotada de investimentos públicos no município de São Paulo. Esse trecho constitui uma expansão dessa área central pela margem esquerda do rio Pinheiros, com bairros jardim de alta renda como Morumbi e Butantã, localizando-se exatamente nessa confluência o campus da Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira, da Universidade de São Paulo. Há na maior parte desse território uma diversidade de usos urbanos, com predominância de renda média e baixa, comércio, e alguns condomínios de alto padrão, com diversas áreas ainda suscetíveis de ocupação.

Em anos anteriores, a disciplina trabalhou em municípios que se caracterizam pela existência de grande extensão de seus territórios ainda não urbanizada. A adoção por um recorte no contínuo urbanizado da região metropolitana, no município de São Paulo, colocava desafios ainda maiores a alunos de uma fase tão inicial do curso. Sua opção decorreu das discussões em torno da greve de estudantes ocorridas no segundo semestre de 2011, tendo em seu decurso alguns alunos e professores da FAU se reunindo em oficinas para pensar seu campus, as questões de segurança que estavam na origem da greve dos estudantes, as relações com a cidade. Nesse processo, tirou-se que seria interessante que algumas disciplinas trouxessem em 2012 suas temáticas para ajudar a pensar o campus da Universidade. A proposta foi assumida pelos professores de Paisagem e Ambiente e de Planejamento Urbano, levando esse recorte territorial para a disciplina.

ETAPA 1 – AVALIAÇÃO PAISAGÍSTICO-AMBIENTAL

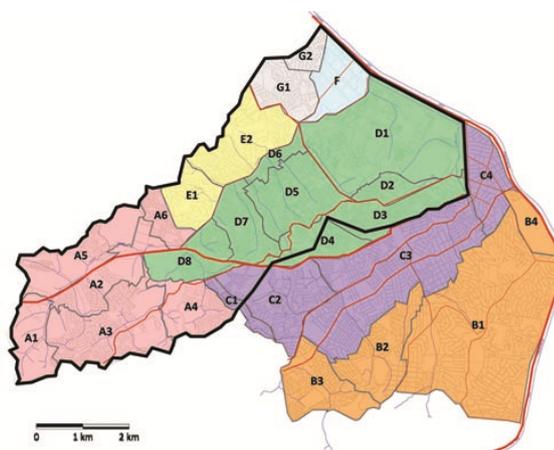
Na primeira etapa, desenvolveu-se um estudo analítico da área contemplada no exercício, de forma a abordá-la inserida na dinâmica metropolitana e na dinâmica intraurbana (escalas de referência 1:5000 e 1:2000). A coleta de dados, a confecção de mapas interpretativos, as visitas a campo foram instrumentos utilizados de forma intensiva. A ideia consistiu em formar um *background* baseado na compreensão paisagística e ambiental da área de estudo de maneira a subsidiar possíveis propostas de intervenção, a partir da compreensão de condicionantes regionais sobre as dinâmicas locais, da inserção dessas bacias na cidade, de vetores de transformação em curso. Nessa etapa, adotamos como referência para as análises o conceito de estrutura urbana.

Verificou-se a inserção metropolitana da área, na relação com os municípios vizinhos (Taboão da Serra, Osasco e Cotia), as vias, as centralidades de caráter regional e a relação com o centro da cidade de São Paulo – esta avaliada como fundamental para o entendimento da área, na qual se projeta o vetor sudoeste de expansão urbana e cujos moradores em grande medida trabalham no centro. Croquis analíticos foram fundamentais para a compreensão das dinâmicas da área.



Croqui analítico da inserção metropolitana, elaborado pela equipe 1.

Concomitantemente, foi realizada a coleta de dados e de informações cartográficas, tais como hidrografia, curvas de nível, sistema viário, uso do solo, referências urbanas nessa escala (como a Cidade Universitária), distribuição de renda, zoneamento proposto pelo Plano Diretor, expansão da área urbanizada, concentração da verticalização, espaços livres, equipamentos públicos nas áreas de saúde, educação, lazer e cultura, dentre outros.



Exemplo de mapa referente à compartimentação em Unidades Territoriais de Paisagem (UTPs). Elaboração: equipe 1.

Desta aproximação inicial elaborou-se um diagnóstico geral para as bacias objeto do estudo, verificando particularidades em áreas específicas chamadas de Unidades Territoriais de Paisagem. A partir da compartimentação da paisagem local - decorrente da dinâmica urbana e da percepção espacial verificada em campo -, foi possível identificar, além de características, potencialidades, conflitos e tendências em cada Unidade e propor intervenções prioritárias para as mesmas.

UTP	Características	Problemas	Potencialidades	Prioridades
A	Porção oeste da Subprefeitura do Butantã, que reúne a maior parte das suas residências de baixo padrão e engloba parte da Rodovia Raposo Tavares, uma barreira, pois segrega um de seus lados do outro. Apresenta diversas favelas. Possui grandes terrenos vazios e concentra nascentes.	Carência de equipamentos públicos essenciais e áreas de lazer.	Criação de áreas de lazer e equipamentos públicos, devido à presença de grandes glebas vazias.	Facilitar o acesso, por meio de mais ligações viárias e mais disponibilidade de transporte público. Criação de novos equipamentos públicos e áreas de lazer. Estímulo a atividades geradoras de renda. Proteger as áreas de nascentes.

Exemplo de tabela referente à Unidade Territorial de Paisagem A, que pode ser identificada no mapa de UTPs.

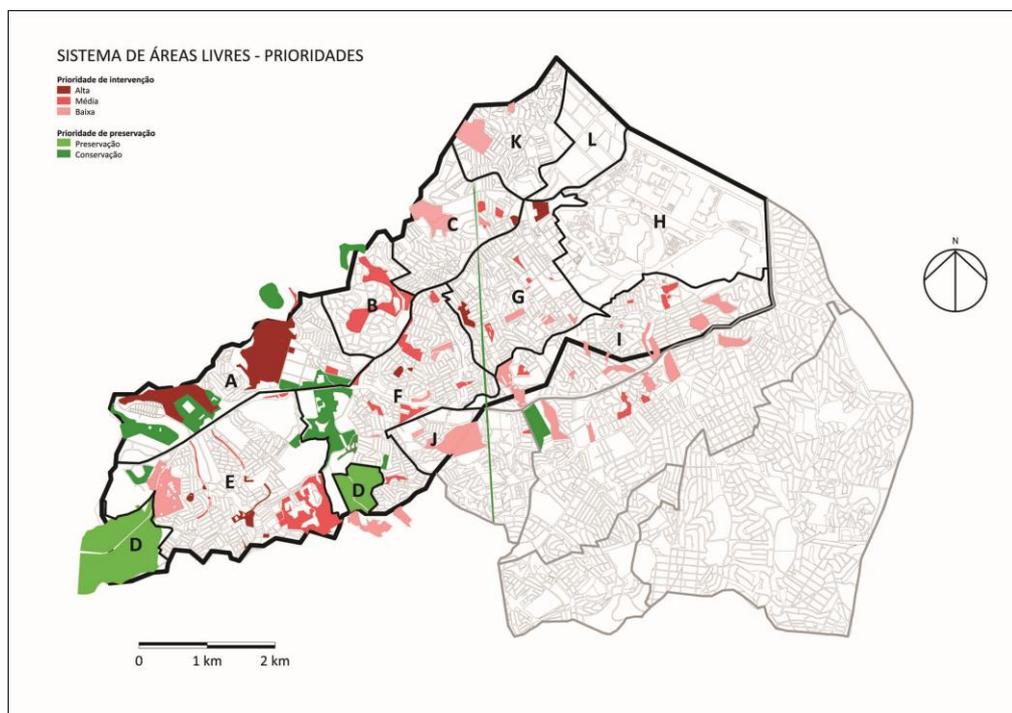
ETAPA 2 – DESENVOLVIMENTO DA PAISAGEM/SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES

A partir das informações adquiridas na avaliação paisagístico-ambiental das bacias do Jaguaré e do Pirajussara Mirim, iniciou-se um estudo mais aprofundado acerca dos espaços livres presentes nessa região, assim como da sua configuração enquanto um possível sistema. Inicialmente, elencou-se as características, problemas, prioridades e potencialidades de cada uma das principais áreas livres.

Para isso, foi necessário complementar o estudo cartográfico e de dados e indicadores urbanísticos e ambientais com informações e registros fotográficos por meio de visitas a campo, nas quais se pôde entender o espaço na dimensão do pedestre, entre outros detalhes não apreensíveis pela cartografia. Outro recurso foi a análise de imagens de satélite dos últimos anos, possibilitando o entendimento das mudanças em uma perspectiva temporal recente.

Conjugado com o estudo de representações cartográficas mais antigas, foi possível entender a permanência de estruturas humanas na paisagem, como os antigos caminhos e nucleações, e como a modernização empreendida pelo poder público e pela mudança na planta de valores associada ao uso do solo vem transformando a estrutura urbana nessa região.

Para definir as áreas prioritárias, levou-se em conta a necessidade de conservação, preservação e intervenção de cada espaço livre, associada a uma hipótese de demanda elaborada a partir da representação cartográfica das tipologias urbanas e dados socioeconômicos e da distribuição de equipamentos e serviços públicos na cidade. Para isso, foram avaliados fatores como a conservação da área e dos equipamentos nela existentes, os usos do local, a quantidade de usuários, a proximidade com outras áreas livres e o uso do solo de seu entorno. Elaborou-se um mapa estabelecendo uma hierarquia de prioridades, facilitando a compreensão dos espaços livres como um sistema.



Mapa de prioridades de intervenção nos espaços livres. Elaboração: equipe 1.

Com base nisso, as equipes formularam as diretrizes específicas para cada local, detalhando as propostas, os projetos de obras que deveriam ser realizados, os programas de uso e algumas observações – caso o grupo julgasse necessário. Nessa etapa, foi fundamental identificar o que era imprescindível em cada local, considerando a estrutura já existente e as necessidades dos moradores, para se determinar, por exemplo, o que deveria ser um espaço de lazer e onde deveriam ser construídos equipamentos esportivos, culturais e educacionais.



Intervenção artística no Morro do Querosene. FOTO: Fabiana Imamura.

As informações referentes a cada área livre, desde sua caracterização até as diretrizes, foram organizadas em uma tabela e representadas em mapas. A partir desses resultados, foi possível determinar, conjuntamente na classe, as áreas de intervenção para a próxima etapa do trabalho.

ETAPA 3 – DESENVOLVIMENTO NA ESCALA LOCAL



Imagem de satélite: USP, São Remo e Morro do Querosene. Fonte: Google Earth.

O exercício desenvolvido na etapa final tomou rumos diversos, de acordo com os interesses específicos de cada equipe. Basicamente, foram eleitas duas áreas nas imediações da Universidade de São Paulo, a fim de consolidar o objetivo inicial do semestre de contribuir para colocar em questão as relações do campus com seu entorno próximo. Em decorrência dessas escolhas, cada recorte exigiu uma abordagem metodológica distinta, decorrente das especificidades do próprio

local a ser focado. Nessa última fase, trabalhou-se na escala do pedestre, sem perder de vista o contexto e as dinâmicas operantes na região da cidade que vínhamos estudando.

A equipe formada pelas alunas Bárbara Campelo Rodrigues Silva, Belisa de Quadros Corrêa Godoy, Cláudia Ferrara Carunchio, Fabiana Tiemi Imamura, Marina Ayumi Onoda, elegeu a Vila Pirajussara, mais conhecida como Morro do Querosene e que possui uma população bastante heterogênea. Apresenta uma expressiva diversidade cultural e uma interessante convivência entre diferentes classes sociais, além da particularidade de ter preservado as relações de vizinhança e o uso do espaço público, apesar de não escapar das dinâmicas existentes no restante da cidade, como o surgimento de condomínios fechados. Reúne ainda artistas ligados à música, performance, teatro, cinema, artes plásticas além de grupos de cultura popular, como D'Ollyinda Brasil, que realizou um fascinante trabalho de grafite no bairro, tendo como tema cenas e festas populares, e grupos ligados à cultura popular como a festa do Boi, a orquestra de berimbau o Treme-Terra e outros. Entre seus moradores encontram-se também intelectuais e profissionais liberais, além de repúblicas estudantis.

Essa região da cidade tende a sofrer nos próximos anos importantes impactos decorrentes da Operação Urbana Vila Sônia, em função da expansão da linha Amarela do Metrô, tendo gerado movimentos de resistência dos moradores. Desta forma, configura um local capaz de suscitar muitos questionamentos e reflexões, ainda que não se configure como ponto crítico da cidade do ponto de vista social e da infraestrutura urbana. No entanto, permite, em articulação com o campus da USP e alguns outros locais de interesse histórico e cultural (por exemplo, o Instituto Butantã, a casa Bandeirista e outros em suas imediações), e pela existência da vitalidade cultural do próprio bairro, uma articulação de percursos que poderiam vir a constituir uma interessante experiência urbana.

Os primeiros estudos sobre o Morro do Querosene ocorreram a partir da visita ao bairro e do contato com os moradores. As perguntas elaboradas buscavam informações sobre os motivos que levaram as pessoas a habitar aquele local, quais eram os pontos positivos e negativos do bairro e as expectativas da população em relação ao espaço onde vivem. As investigações e entrevistas, somadas às impressões obtidas no decorrer da caminhada realizada pelo Morro do Querosene, foram muito importantes para o diagnóstico das relações sociais imbricadas nesse recorte de cidade.

Após as experiências *in loco*, a equipe realizou um levantamento dos aspectos históricos e geográficos, aprofundando a análise da formação desse espaço para melhor compreender sua atual configuração e funcionamento. Em seguida, realizou-se o mapeamento dos espaços livres considerados mais importantes em termos de uso pela população com o objetivo de estudar possibilidades de integração desses espaços.

Dentre as áreas livres estudadas, uma recebeu maior atenção devido às potencialidades que apresentava. Conhecida como Chácara da Fonte, é um grande lote particular não ocupado, tombada recentemente a partir de reivindicações dos próprios moradores do Morro do Querosene. A equipe elaborou estudos para apresentar as propostas de uso desse espaço, considerando os fatores históricos, as demandas da população e a importância ecológica e cultural dessa área livre. O trabalho desenvolvido concluiu-se com a elaboração de um manifesto em defesa da Chácara da Fonte, tendo em vista o valor que representa para boa parte da população residente no Morro do Querosene e do caráter simbólico que possui, em termos culturais e de preservação ambiental.

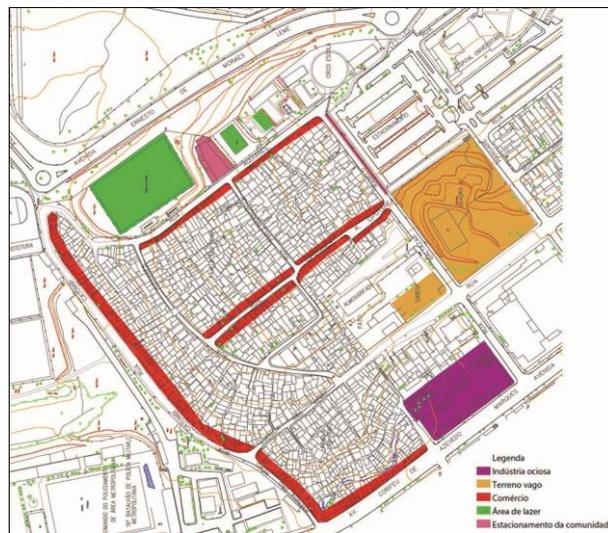
A segunda equipe (formada pelos alunos: Bianca Tiemi Nissi, Larissa Yumi Ito Nissi, Lawson Daiki Hamassaki, Paula Cerqueira Lemos, Renata Thina Yoshida e Taís Sayuri Sujuki) estudou a Comunidade São Remo, nas proximidades da Universidade de São Paulo. Sua história relaciona-se à construção da instituição de ensino, uma vez que tem sua origem na ocupação de terrenos lindeiros por pessoas que vieram trabalhar na construção do campus, consolidando-se ao longo dos anos na ausência de qualquer atenção, seja da Universidade ou do Estado, seja da municipalidade. A ligação entre os são-remanos e a universidade continuou existindo e perdura até os dias de hoje. Diversos funcionários da USP residem na comunidade e a maioria dos moradores usufrui de serviços oferecidos pelo campus entre eles, creches, escolas infantis, além de serviços de saúde e transporte. No entanto, a comunidade permanece como que invisível para os uspianos, e a segregação espacial que representa ganha seu marco físico através dos muros, tornando ao longo dos anos cada vez mais restrito o acesso dos moradores ao espaço e equipamentos da universidade.

A comunidade que por tanto se viu ignorada pela Universidade vem, após o aumento nos índices de violência dentro do campus, passando por um projeto de urbanização anunciado pela atual reitoria da USP. Entretanto, segundo os moradores, não vem sendo construído de maneira participativa, o que os deixa à margem de qualquer decisão ou questionamento, e coloca em questão a política pública de intervenção em favelas que excluem possibilidades de diálogo, impondo soluções prontas a realidades diversas.

Alguns procedimentos utilizados em etapas anteriores do trabalho são novamente empregados na escala local, como levantamento de dados, notícias e teses, representações cartográficas, imagens e outros. Surge, entretanto, nessa última etapa, a necessidade da introdução de métodos de uma natureza mais antropológica, que introduzam para a equipe a observação de campo e o diálogo na construção do conhecimento local. A partir do entendimento de que as comunidades de baixa renda

apresentam valores próprios em relação à cidade formal, foi realizada uma aproximação preliminar com seus moradores buscando compreender as redes e dinâmicas de convívio social, para que o projeto da paisagem parta da realidade de seus indivíduos e não de um ideal que lhes seja estranho.

Tendo em vista a complexidade existente no ambiente de uma favela, o processo foi conduzido de maneira planejada. Dessa forma, a equipe buscou a aproximação da comunidade através das lideranças comunitárias, deixando claro o intuito educativo das conversas, sobretudo os limites do trabalho acadêmico, para não suscitar expectativas por parte dos moradores, sujeitos a uma tensão em decorrência de projeto anunciado pela própria USP.



Mapa de Uso do Solo – São Remo (Fonte: Cesad - FAUUSP, Elaboração: Equipe 2).



Vista da Favela São Remo. Fonte: Google Street View.

A compreensão do espaço através dos indivíduos, que caracterizam redes, dinâmicas e valores específicos da São Remo, e a consciência que esses apresentam sobre suas problemáticas e as respostas que um espaço de qualidade deveria dar para suprir suas necessidades, deixa claro a

importância da participação da população na produção do projeto. O que fez com que a equipe, diante da impossibilidade de construção de um projeto participativo, com o pouco tempo disponível, não chegasse ao desenho, e sim, a diretrizes para produção do projeto da paisagem.

CONCLUSÃO

Dessa forma, para o entendimento da escala local as duas equipes se apropriaram de diferentes instrumentos que ajudaram tanto na construção da análise crítica e do espaço físico, quanto das dinâmicas e relações sociais gerais e específicas da comunidade. Na avaliação feita pelos estudantes dessas duas equipes, os ensaios realizados permitiram um levantamento da escala local de atuação, que conjugado às etapas anteriormente trabalhadas nas diferentes escalas, construiu um panorama que permite pensar criticamente uma atuação mais consciente nos processos sociais e ambientais do espaço urbano. Os ensaios realizados, sobretudo nessa última etapa, indicam a apropriação de uma metodologia em que, a par da abordagem sistêmica da paisagem, o projeto é pensado através da articulação concreta e dialógica com dinâmicas urbanas e seus atores, e resulta na compreensão da arquitetura como parte da cidade, demandando processos participativos de transformação da paisagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGILELI, Cecília Machado. Chão. Or. Euler Sandeville Jr. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, Tese de Doutorado, 2012.

BERNÁLDEZ, Fernando González. Ecología y paisaje. Madrid: Blume, 1981.

CALDEIRA, Teresa P.R. A Política dos Outros - O Cotidiano dos Moradores da Periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

DENZIN, Norman K. e LICOLN, Yvonna S. (org.). O planejamento da pesquisa qualitativa. Teorias e abordagens. Trad. Sandra Regina neyz, Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? São Paulo: Paz e Terra, 2010. [1968, Santiago]

- LAPLANTINE, François. Aprender antropologia.[1987] São Paulo: Brasiliense, 2007
- MCHARG, Ian.L. Proyectar com la Natureza. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2000.
- METZGER, Jean Paul (2001). O que é ecologia de paisagens? disponível em <http://www.biotaneotropica.org.br/v1n12/pt/item?thematic-review> acesso em 25/01/2005.
- RADOLL, Gabriela. Sistemas de Espaços Livres e População em bacia no Município do Embú. São Paulo: Iniciação Científica, FAU USP, 2009.
- SANDEVILLE JUNIOR, Euler . Paisagens e métodos. Algumas contribuições para elaboração de roteiros de estudo da paisagem intra-urbana. Paisagens em Debate, FAU.USP, v. 2, p. 1, 2004.
- SANTOS, Milton. Espaço & Método. São Paulo: Nobel, 1985.
- SANTOS, Rosely F. dos. Planejamento Ambiental: Teoria e prática. São Paulo: Oficina de textos, 2004
- SHIDA, Claudia Nagako. Levantamento da distribuição espacial e temporal dos elementos da paisagem e de seus determinantes, na região dos municípios de Luiz Antônio e Santa Rita do Passa Quatro (SP), como subsídio ao planejamento ambiental. Orientador: Vania Regina Pivello. São Paulo: Dissertação (Mestrado em Ecologia) - Universidade de São Paulo, 2000.
- VILLAÇA, Flavio. Espaço intra-urbano no Brasil. São Paulo, Nobel: Fapesp: Lincoln Institute, 2001
- VOGEL, Arno; SANTOS, Carlos Nelson F. dos (coord). Quando a rua vira casa. Apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. Rio de Janeiro: IBAM, 1985, 3a ed. [pesq. 1979]